FOLHA Ilustrada
FOLHA DE S. PAULO
São Paulo, segunda-feira, 14 de fevereirg de 1977

Carolina Maria de Jesus, escritora popular da cidade, morreu ontem como começou: num quarto de despejo

Carolina, ponto final

Domingo 13 de fevereiro. Hoje fez um sol forte e as cigarras voltaram a cantar nos meus coqueiros. Mas aqui dentro dessa sala pintada de verde, cheia de quadros e cartazes, ninguém escuta as cigarras. Ninguém fala alto nem sorri, as pessoas têm a cara triste e fechada como o povo da favela. E por minha causa e por causa desse caixão preto e prateado em cima da mesa, por causa do meu corpo coberto de flores. Essas pessoas são meus únicos parentes: meus filhos, meu cunhado, os vizinhos do meu sítio. E [illegible] minha morte. [illegible]

[illegible] estrada. Está muito de suas esperanças, num casarão de tijolos pintado de vermelho, a tinta desbotando, o bar que ela abriu e precisou fechar por vender só fiado. E depois que fechou a venda Carolina passou a ser ainda mais solitária. Uma solidão que compartilhava com [illegible] e com os vasos de plantas que cuidava todos os dias, apesar de seus 62 anos de idade e das crises de bronquite que a deixavam [illegible].

Ultimamente passava [illegible] esperando o filho mais velho, João José, voltar do trabalho. [illegible] Escravos [illegible]

A lavoura não foi o único engano de Carolina: precisou fechar o bar que abriu num casarão em frente ao sítio por vender só fiado

[illegible] que vieram de pedir de dona Carolina ela não [illegible]

Carolina, adeus

A favela [illegible] despejo da cidade [illegible]

A arte mais difícil é a arte de viver.

Paulo Sergio Markun

Nos fundos da casa, no Km 34 em Parelheiros, a pobreza

É o progresso

A verdade. Hoje somos mais de 3 milhões [illegible] favelados na cidade [illegible] Grande São Paulo se considerarmos o barraco [illegible] base da existência de um favelado. Os anos [illegible] a industrialização, a frase-chave acima de tudo isso, empurrou a favela para sua metamorfose atual: a periferia, onde 1 milhão e 800 mil pessoas moram em casas tão precárias quanto as antigas favelas. Isso sem falar nos "cortiços", que abrigam hoje 615 mil paulistanos.

Os problemas não só aumentaram. Assumiram outros nomes, vestiram outras roupas e hoje se apresentam na forma da enchentes, poluição, saneamento, áreas verdes, transporte [illegible] Suíça [illegible] anos. Imagine [illegible] baixo de mortalidade [illegible] últimos [illegible] anos [illegible]

São Paulo insolúvel

Estamos cada vez mais cansados e atônitos. São Paulo não podia parar e agora não tem mais solução. Basta ouvir os poderes da cidade: eles precisam de 35 bilhões para fazer com que uma chuva de um dia não nos leve ao pânico, de 1% do PNB do país só para resolver saneamento e nem se sabe de quanto para solucionar os transportes, incluindo a pobre e ameaçada linha Leste-Oeste do Metrô. Mas o que é pior, os problemas vividos pela população só se transfor- [illegible] Apocalipse. Verdade [illegible] Carolina Maria de Jesus. O nosso século [illegible] revoluções [illegible] homem, de há cem anos, achou fantástico [illegible] vida. Foi somente nos últimos anos que aprendemos alguma coisa a respeito da natureza do tempo e fomos capazes de influenciar no seu progresso. A nossa é a primeira geração desde que os pêndulos começaram a oscilar que compreendeu não ser o tempo nem absoluto nem inexorável e que a tirania do relógio pode não durar para sempre. O tempo, enfim, trabalha a [illegible]

[illegible] homem [illegible] Nietzsche: [illegible] uma corda estendida entre o animal e o super-homem, uma corda sobre o abismo. Será uma nobre atitude servir a essa felicidade.

Adeus, Carolina. Nós ficamos aqui em São Paulo.

Hamilton Almeida Filho
editor de cidade